

nara roesler

mônica ventura



---

## mônica ventura

n. 1985, São Paulo, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Mônica Ventura é uma artista visual e designer, formada em Desenho Industrial pela FAAP, e mestre em Poéticas Visuais (PPGAV) pela ECA-USP, cujo trabalho investiga as complexas intersecções entre o feminino e a racialidade. Através de uma pesquisa aprofundada, a artista resgata e reinterpreta elementos culturais pré-coloniais como a arquitetura e as técnicas de trabalho manuais dos povos afro-ameríndios. Para Ventura, esse mergulho em saberes ancestrais é uma forma de reconexão pessoal. “A ancestralidade é uma chave para lembrarmos de quem somos e de seguir se desvinculando do plano colonizador que visa polir a individualidade”, explica.

Sua prática multidisciplinar abrange vídeo, escultura e pintura, permitindo-lhe transitar entre o espiritual e o concreto, e dar voz às experiências multifacetadas das mulheres negras, com um olhar que combina força e a delicadeza do feminino. Ao desafiar o formalismo estético, Ventura cria um “belo ruído organizado”, que convida o público a refletir sobre identidade, memória e poder.

---

**capa** vista da instalação

*Daqui um Lugar*, 2025

Pinacoteca do Estado  
de São Paulo, Brasil

**todas as imagens** cortesia da artista e Nara Roesler

---

## exposições individuais selecionadas

- *A Noite Suspensa ou o que posso aprender com o Silêncio*, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2023)
- *O Sorriso de Acotirene*, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)

## exposições coletivas selecionadas

- *Cantando Bajito: Incantations*, Ford Foundation, Nova York, EUA (2024)
- *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: Formas da Democracia*, Museu da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Histórias Feministas*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2019)

## coleções selecionadas

- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

<b>5</b>	entidades e estruturas
<b>31</b>	performances
<b>34</b>	narrativas afro-diaspóricas

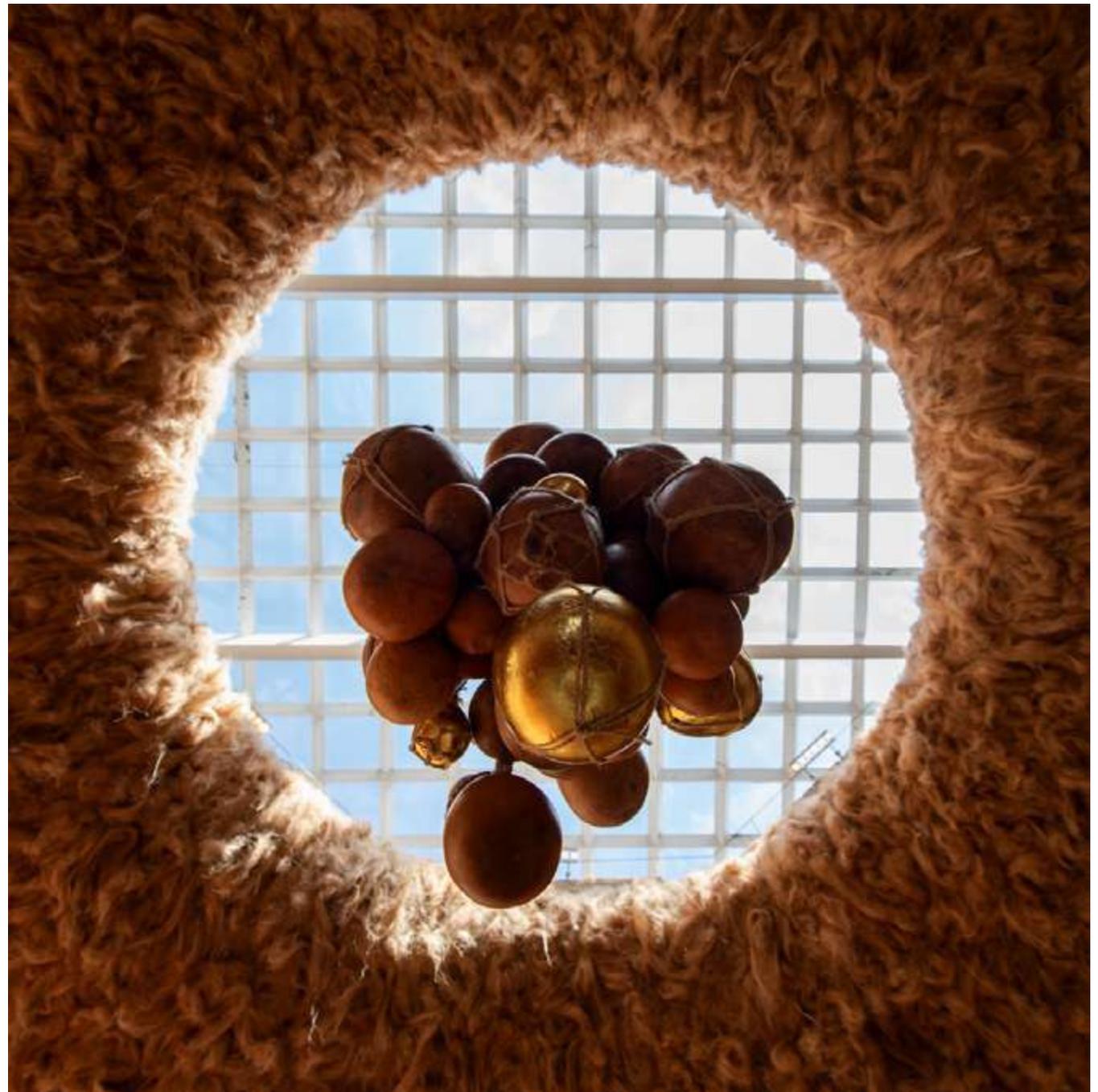
---

## entidades e estruturas

Parte expressiva da poética de Monica Ventura vem carregada de um componente espiritual ancestral. Não num sentido religioso ou dogmático, mas sim buscando resgatar outras maneiras de ver o mundo, filosofias e saberes que durante muito tempo foram apagados ou esquecidos pelo mundo ocidental. Nos elementos utilizados em suas instalações, pinturas e esculturas, há uma clara referência à cultura material e às cosmovisões de povos não ocidentais, como a cultura afro-brasileira, presente em diversos trabalhos, mas também a de povos ameríndios orientais, como a indiana.

---

detalhe da instalação  
*Daqui um Lugar,*  
Octógono da Pinacoteca  
do Estado de São Paulo, 2025





---

Um de seus primeiros trabalhos que trazem esta abordagem é *O Sorriso de Acotirene*, concebido por Ventura em 2018, na ocasião de sua primeira exposição individual, no Centro Cultural São Paulo. O título da obra faz menção a Acotirene, uma das primeiras lideranças do histórico Quilombo dos Palmares, que existiu no Nordeste brasileiro entre os séculos XVI e XVII. Tal comunidade foi formada por escravizados fugidos de engenhos e fazendas da região e consistiu em uma das maiores de seu tipo da história das Américas, tornando-se símbolo da luta contra a escravidão e o colonialismo. O papel de Acotirene nesse processo era o equivalente ao de uma matriarca, atuando como uma figura de referência e liderança, tal como ocorria em diversas comunidades africanas pré-coloniais.

---

*O sorriso de Acotirene*, 2018  
cabaças, sisal, palha, aço, ferro e  
materiais diversos  
240 x 200 cm



---

vista *O Sorriso de Acotirene* na  
exposição *Histórias Feministas*,  
MASP, 2019



---

A estrutura do trabalho, de aspecto quase que totêmico, consiste em um conjunto de cabaças, miçangas, fibra de sisal e outros elementos que, na visão afro-diaspórica, são amplamente ligados ao universo feminino. Nas palavras da antropóloga Lilia Schwarcz: “A relação entre as cabaças e Acotirene é direta, porque elas guardam consigo as noções figuradas de semente e aconselhamento, frequentemente associadas à figura feminina. Nessa obra, as cabaças de diferentes formatos e adornos unidos passam a imagem de uma grande entidade, evocando não apenas a memória de Acotirene, como também a perpetuação de seu legado em diferentes gerações”.

---

detalhe da obra  
*O sorriso de Acotirene*, 2018  
cabaças, sisal, palha, aço, ferro e  
materiais diversos  
240 x 200 cm

---

A importância da cabaça é perceptível também por conta de seu formato: circular e encerrada em si mesma, remetendo ao início da vida. Na série *Incorpóreo*, também de 2018, Ventura usa como ponto de partida o referido objeto, porém, ao invés de empregá-lo como peça constitutiva de algo maior, aqui tais peças são concebidas como entes separados. Formada por três cabaças, tingidas de preto por um processo artesanal, a artista grava sobre cada uma delas um grafismo ancestral diferente com folha de ouro. O primeiro *I (Atalaia)*, que significa guardião, apresenta o símbolo de proteção *Ashtānga yantra*, cujas origens remontam às culturas da Índia Antiga e que, curiosamente, é utilizado no Brasil em algumas linhas de Umbanda como símbolo dos guardiões. O segundo é um símbolo *Adinkra* do povo Akan, intitulado *II (Profusão)*, indicando prosperidade, abundância, também conhecida como a 'suástica ashanti', utilizada como símbolo da moeda, expressando poder, dinheiro, riqueza e integridade. O terceiro *III (Etéreo)* tem um significado vinculado ao invisível, o campo sutil e a alma. Chamado de *Thouwai*, é o símbolo dado pelos Wang-u-Pa, filósofos do antigo Kangleipak atual Manipur, para representar a alma dos seres humanos que reside no corpo.

---

*I Profusão (série Incorpóreo)*, 2018  
tingimento natural e folha  
de ouro sobre cabaça  
40 x 20 cm





---

*II Etéreo (série Incorpóreo), 2018*  
tingimento natural e folha  
de ouro sobre cabaça  
40 x 20 cm



---

*III Atalaia (série Incorpóreo), 2018*  
tingimento natural e folha  
de ouro sobre cabaça  
40 x 20 cm



---

Em *De Amanhã para Ontem*, concebido em 2021, a imagem da figura ancestral aparece aqui através da referência ao *Egungun*: originário da Nigéria e do Benim e presente nas religiões afro-diaspóricas, tal entidade é amplamente presente em festejos e simboliza os espíritos de ancestrais que retornam a terra durante celebrações específicas. Os *Egunguns* sempre aparecem vestidos com trajes muito coloridos e frequentemente adornados, e sua real identidade não é revelada.

---

*De Amanhã para Ontem*, 2021  
Centro Cultural São Paulo,  
São Paulo, Brasil

---

→  
*De Amanhã para Ontem*, 2021  
Centro Cultural São Paulo,  
São Paulo, Brasil



---

Neste trabalho instalativo, Ventura cria no centro do espaço uma estrutura similar a um *Egungun*, rodeada por bastões coloridos. Seu título toma como base a teoria da relatividade e a concepção de tempo por ela proposta, que vai ao encontro de muitas ideias afro-diaspóricas, dado que, segundo o físico: “A distinção entre passado, presente e futuro é só uma ilusão, ainda que persistente”. Para a artista: “as escolhas que ainda vamos fazer já estão impressas no tecido da realidade. Seguindo o mesmo raciocínio, podemos levar em consideração que as camadas de passado, presente e futuro estão alinhadas e sobrepostas. Me parece que as filosofias de matriz africana entendem muito bem a teoria da relatividade de Einstein e há tempos imemoráveis praticam conexões que quebram a barreira do entendimento cartesiano de temporalidade”.

A referência a *Egungun* também está presente em outros trabalhos, como *Pepita*, de 2022.



---

*Pepita*, 2022  
bambu, palha a contas  
160 x 200 cm



Acontecimentos históricos e eventos de grande impacto também são ressignificados na poética de Ventura. É o que acontece na instalação *Sábado*, de 2022, realizada em parceria com a artista portuguesa Rita Gaspar Vieira no Consulado Geral de Portugal, em São Paulo. O trabalho em questão foi concebido na ocasião da celebração do Bicentenário da Independência do Brasil. Como forma de comemorar o episódio, o governo brasileiro mandou trazer de Portugal o coração do Imperador Dom Pedro I. Tendo em vista esse episódio, Monica Ventura pensou em um trabalho que dialogasse diretamente com a arquitetura do edifício.

Nas palavras da curadora do projeto, Isabella Lenzi: “Com raízes negras e dos povos originários do que hoje chamamos Brasil, Mônica Ventura parte da recente chegada ao país do coração embalsamado de D. Pedro I para criar uma obra pulsante que se capilariza pelo espaço e se transforma ao longo do período expositivo. Em um movimento oposto ao do coração do Imperador, guardado a sete chaves no Porto, o órgão vital idealizado pela artista rejeita a ideia de permanência e eternidade. Sua peça é efêmera e desobediente. Construída em uma ação ritual a partir da junção e entrelaçamento de elementos naturais, ela se infiltra e se expande para construir uma teia rizomática. Se por um lado a artista brasileira traz referências e saberes ancestrais ameríndios e africanos ligados a uma consciência ecológica, Rita Gaspar Vieira utiliza elementos orgânicos para evocar fantasmas e tocar em questões de identidade nacional e fronteiras”.

---

*Sábado*, 2022  
instalação realizada em parceria  
com a artista Rita Gaspar Vieira,  
Consulado de Portugal,  
São Paulo, Brasil

---

→ → →  
*Sábado*, 2022

---

→ →  
*Sábado*, 2022





---

Na instalação de caráter monumental *A Noite Suspensa/O que posso aprender com o Silêncio*, de 2023, concebido para ocupar o vão central da Galeria Praça do Instituto Inhotim. Mônica Ventura faz alusão a diferentes práticas religiosas de matrizes ancestrais, e o público é convidado a desvendar as camadas da instalação, cuja forma se associa aos zangbetos, espíritos ancestrais cultuados em algumas religiões no Golfo do Benim, responsáveis pela proteção e afastamento de males, e também aos praiás, elementos fundamentais da cosmologia Pankararu, povo originário brasileiro cujo território tradicional se encontra próximo ao rio São Francisco. Para os Pankararu, os praiás marcam a presença dos Encantados, entidades vivas ligadas diretamente ao plano espiritual. Ambos são manifestados por meio da dança e do uso de um tipo de máscara de corpo inteiro feita em palha. Nos dois casos, quem ocupa aquele corpo persiste como incógnita; ele observa, mas não pode ser observado.







---

Como um invólucro feito de palha, a instalação possui uma abóbada de cor azul e a sua base de terra afixada no chão se assemelha a uma Yoni, forma que remete ao feminino e cujo significado do termo, em sânscrito, refere-se às noções de “passagem divina” ou “fonte de vida”. Já a escultura em si remete a Lingam, símbolo fálico que remete ao masculino. A combinação entre as duas formas, se vista de cima, faz referência a Shiva Lingam, a síntese das energias do universo.

Com 4 metros de altura e 9 metros de largura, a artista usou a terra da própria região para confeccionar tanto a escultura central e os trabalhos em taipa de pilão, exibidos na parede adjacente.

---

Desse trabalho instalativo derivou a série de pinturas *A Noite Suspensa*, de 2025. A partir da experiência imersiva proporcionada pela obra, Ventura expressa o desejo de transpor sua monumentalidade para a superfície da tela – não como simples exercício formal, mas como tentativa de preservar a potência onírica e espiritual do espaço original. Nas pinturas que compõem a série, a noite surge como tempo simbólico de sonho e escuta, enquanto os corpos-objeto evocam presença, rito e transformação.



---

*I (Início)*, da série *Noite Suspensa*, 2025  
tinta óleo sobre tela  
200 x 200 x 4 cm



---

*II (Pepita), da série  
Noite Suspensa, 2025  
tinta óleo sobre tela  
200 x 200 x 4 cm*



---

*III (Pote da vida), da série  
Noite Suspensa, 2025  
tinta óleo sobre tela  
200 x 200 x 4 cm*

---

Outra intervenção de grande escala foi o site-specific *Daqui um Lugar*, que ocupou o octógono da Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2025. No espaço expositivo, um conjunto de cabaças pendem sobre uma estrutura em formato circular. Cada cabaça, ainda que represente uma unidade de sentido, conflui em coletivo pendente do céu para seguir, pelo reflexo de um espelho d'água, em um avesso do chão de terra onde o público é convidado a pisar. A cobertura, em formato circular, instaura uma horizontalidade outra ao espaço, criando uma atmosfera de intimidade, proteção e abrigo, evocando ainda a construção de um campo magnético. A experimentação entre o espaço criado e o público é potencializada através do cobre, material com alta capacidade de condução de energia, que reveste as estruturas que sustentam o céu criado pela artista.



---

vista da instalação  
*Daqui um Lugar*, 2025  
Pinacoteca do Estado  
de São Paulo, Brasil





---

A pesquisa sobre entidades espirituais e formas femininas está presente também em trabalhos pictóricos, como nos da série *Alteia*, de 2024, onde a artista representa os Zangbetos: guardiões vodú da noite dos cultos iorubá. Essas entidades movimentam-se por meio da música e protegem os seres que os rodeiam. Em *Alteia*, os Zangbetos se projetam ante fundos monocromáticos e de maneira frontal perante o espectador.



---

série *alteia*, 2024  
óleo sobre tela  
200 x 200 cm



---

série alteia, 2024  
óleo sobre tela  
200 x 200 cm



---

série alteia, 2024  
óleo sobre tela  
200 x 200 cm

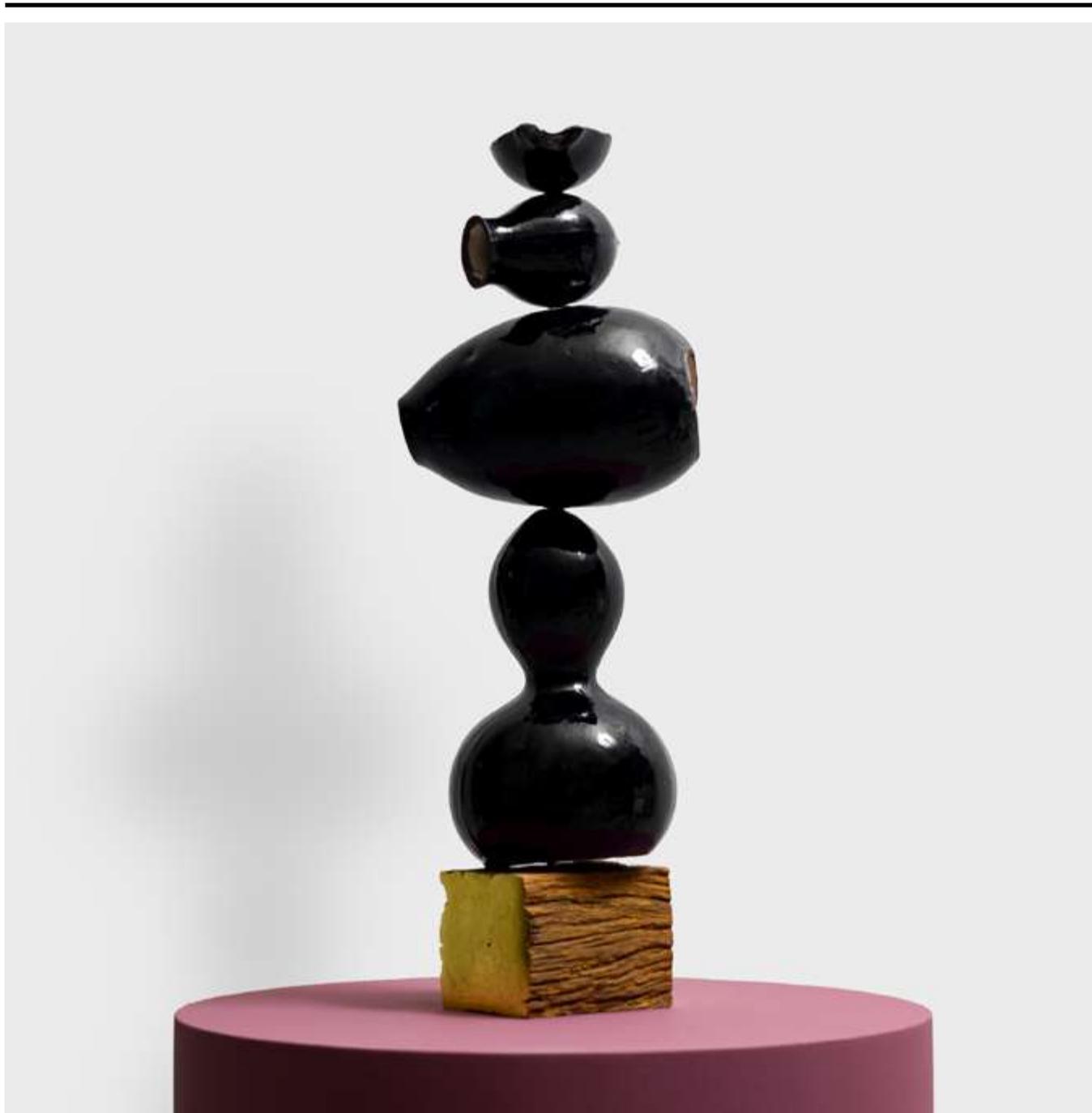
---

O formato da cabaça volta a aparecer na série de esculturas em cerâmica intitulada *Passarinhas*, de 2025. Essas estruturas aparecem aqui de forma fragmentada e recombinação. Criadas a partir de moldes em porcelana líquida, as formas são desmembradas e reorganizadas como num quebra-cabeça, em um gesto intuitivo que investiga os vínculos entre memória, matéria e afeto.



---

*Passarinhas*, 2025  
porcelana, latão, madeira  
e folha de ouro  
46 x 18 x 20 cm



---

*Passarinhas*, 2025  
porcelana, latão, madeira  
e folha de ouro  
45 x 13 x 17 cm



---

*Passarinhas*, 2025  
porcelana, latão, madeira  
e folha de ouro  
52 x 13 x 13 cm

---

## performances

Embora parte muito expressiva do trabalho de Mônica guarde relação com elementos espirituais e sabedorias ancestrais através de estruturas totêmicas, a artista também explorou trabalhos em linguagem performática, em especial no início de sua trajetória.

Recorte de um Desejo, de 2015, figura entre uma de suas primeiras experimentações, consistindo em uma performance baseada no romance O Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras escritoras negras do Brasil. A artista neste trabalho se veste de amarelo, e os demais objetos que acompanham a cena: uma mesa com pratos, talheres e taças, são igualmente amarelos. O emprego da cor se dá em função de uma passagem do romance, na qual a autora descreve a cor da fome como sendo “amarela”. Dessa forma, Ventura torna visível uma passagem marcante da literatura afro-brasileira, discutindo também uma realidade marcante que segue afetando muitas famílias negras no país.





*Ayzen - Irmandade da Boa Morte*, de 2017, foi outro trabalho em performance realizado pela artista, tendo como palco o vão do MASP. A inspiração para o mesmo foi a Irmandade da Boa Morte, localizada no município de Cachoeira, no Recôncavo baiano, surgida no Século XIX, e defensora do abolicionismo. A performance era composta por 6 mulheres, cujas cabeças eram unidas em estruturas que formavam dois triângulos sobrepostos. Unidas, davam a luz a uma entidade espiritual efêmera.

---

Outra referência visitada pela artista é a do pensador martinicano Frantz Fanon, pioneiro no campo dos estudos decoloniais e autor da obra *Máscaras Brancas, Pele Negra*. Na vídeo-performance *Remoção*, de 2019, a artista remove de seu rosto uma máscara facial que faz alusão a uma determinada máscara social que atua dentro da lógica da racialidade, aplicada por uma classe hegemônica dominante que determina as regras e as estruturas sociais.



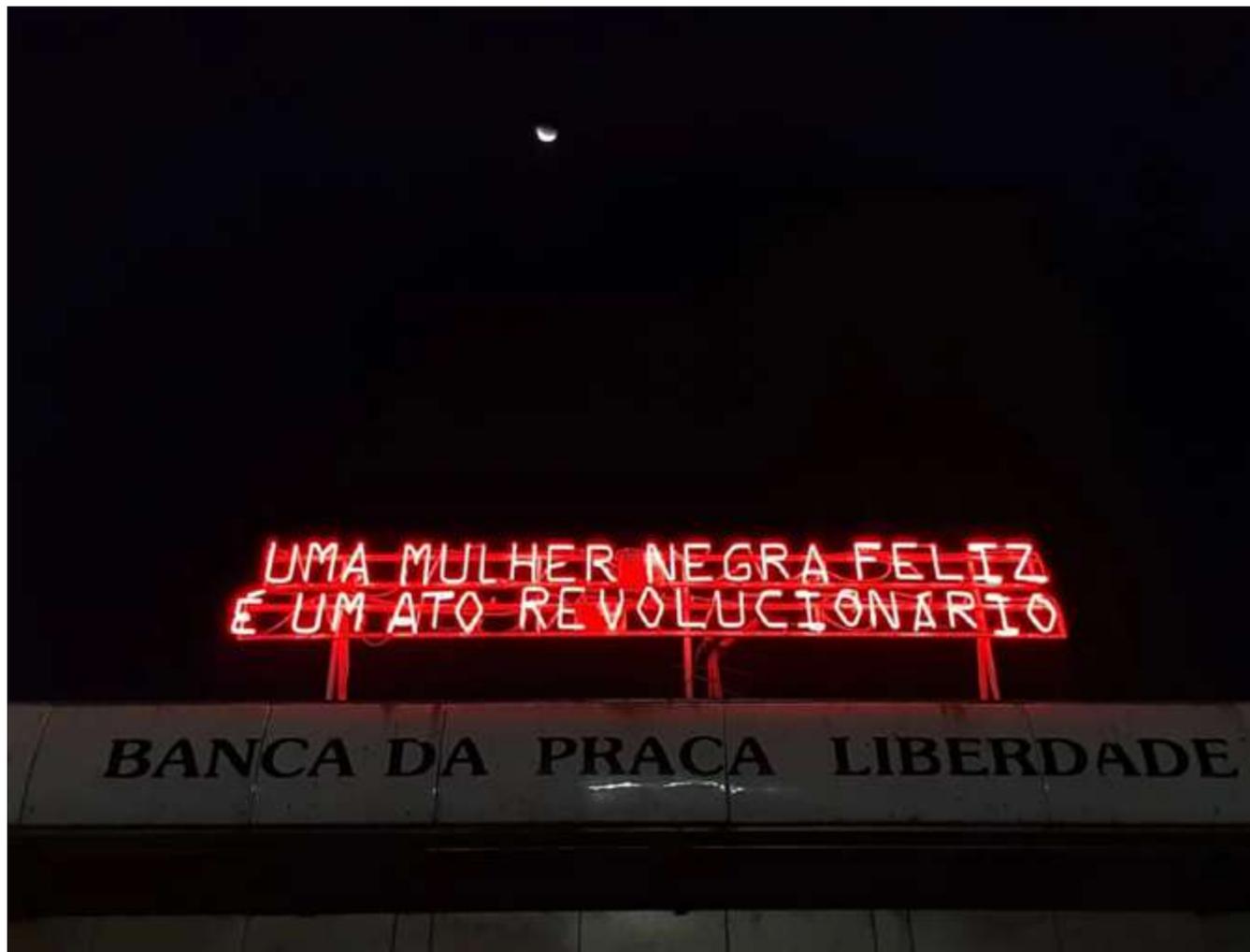
---

## narrativas afro-diaspóricas

Em um contexto no qual a produção artística brasileira tem se voltado para temas afro-diaspóricos, Monica Ventura se debruça em alguns de seus trabalhos sobre possíveis narrativas ligadas a população afro no Brasil que fujam de estereótipos de violência, miséria e exploração.

Em *Luz Negra*, de 2019, a questão da mulher negra contemporânea aparece por uma ótica otimista. Através de um letreiro em neon, Ventura exibe a frase: “Uma Mulher Negra Feliz é um Ato Revolucionário”, de autoria da escritora Juliana Borges. De acordo com a artista: “essa frase também nos leva a uma reflexão sobre como o corpo da mulher afrodescendente é inserido em campanhas publicitárias ainda hoje, às vezes com alguns equívocos. E eu volto um pouco atrás olhando recortes de jornais do Século XIX, tardiamente quase ali no fim do período da escravidão, e encontro um recorte que diz o seguinte, algo mais ou menos assim: “Vende-se uma mulher negra, 30 anos, ótima cozinheira, boa aparência. Tratar na Rua da Alfândega, etc”.





---

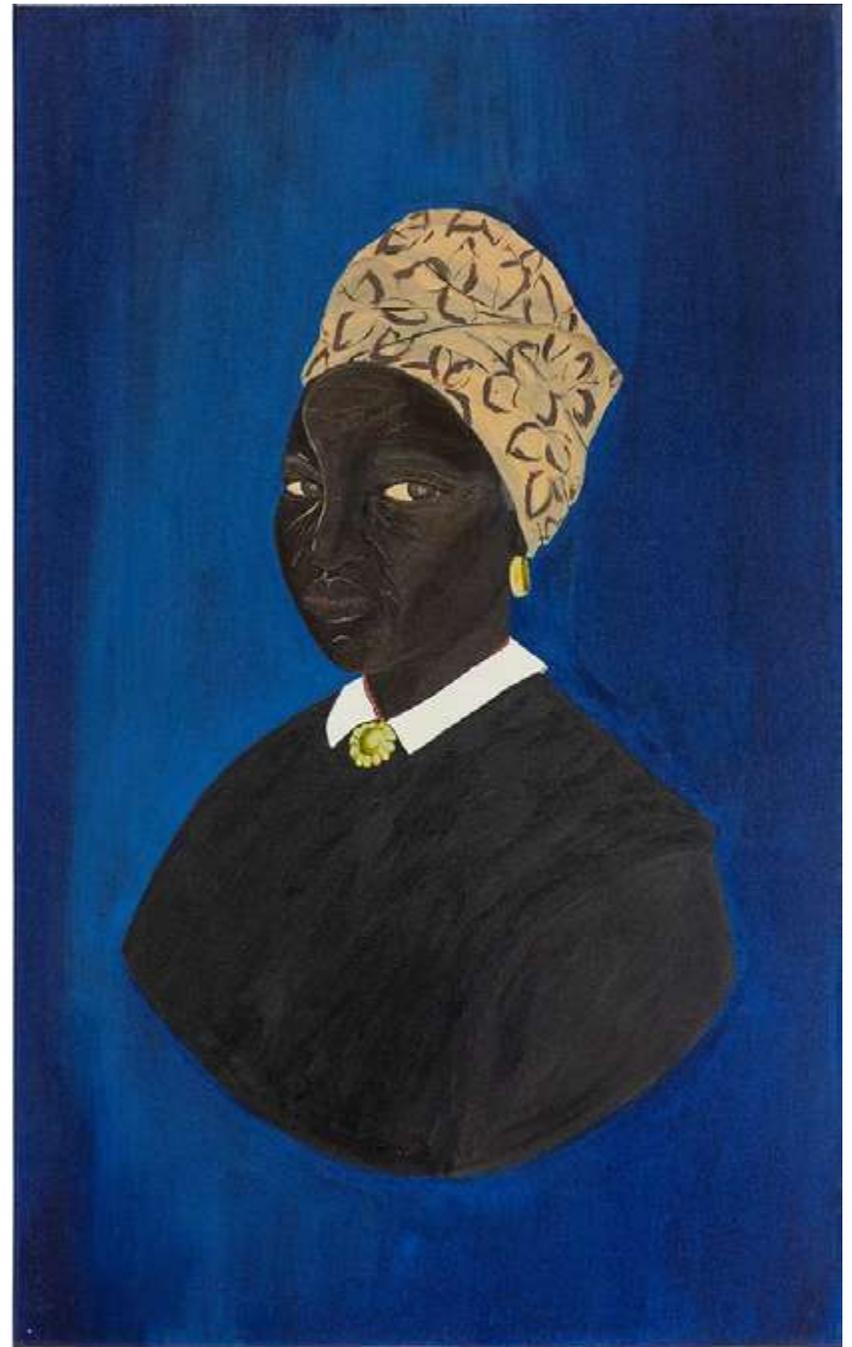
Esse recorte de jornal faz pensar também como o corpo da mulher afrodescendente vem sendo objetificado desde o período da escravidão e me faz pensar como podemos reverter essa forma de pensamento sobre esse corpo. Então, a obra “Luz Negra” é uma peça afirmativa que traz a ideia positiva para tentar, de alguma forma, mudar essa visão estigmatizada do corpo feminino negro.”

---

Outro trabalho que atua nesse sentido é a pintura *Dona Afra*, de 2021, concebida para a exposição *Enciclopédia Negra*, sediada na Pinacoteca do Estado de São Paulo. A mostra foi desdobramento da publicação de mesmo nome, organizada por Lília Schwarcz, Flávio dos Santos Gomes e Jaime Lauriano, e era voltada para tornar conhecidos personagens negros da história do Brasil cujos rostos e papéis permaneciam invisibilizados. Dessa maneira, uma nova versão da história seria apresentada, levando em conta atores importantes que foram invisibilizados. A pintura de Mônica, que foi capa da publicação, consiste em um retrato da personagem Dona Afra, que viveu no Século XIX e era um raro caso de mulher negra de posses. Afra aparece retratada sob um fundo neutro azul e bem vestida. Seus trajes combinam roupas europeias com um turbante caracteristicamente africano.

---

*Dona Afra*, 2021  
tinta acrílica sobre tela  
80 x 50 cm





---

Mônica Ventura, 2023  
galeria Praça, Inhotim,  
Brumadinho, Brasil  
foto: Icaro Moreno

---

nara roesler

---

---

**são paulo**

avenida europa 655,  
jardim europa, 01449-001  
são paulo, sp, brasil  
t 55 (11) 2039 5454

---

**rio de janeiro**

rua redentor 241,  
ippanema, 22421-030  
rio de janeiro, rj, brasil  
t 55 (21) 3591 0052

---

**new york**

511 west 21<sup>st</sup> street  
new york, 10011 ny  
usa  
t 1 (212) 794 5038

---

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art